

EDUCAÇÃO FINANCEIRA NO PROCESSO FORMATIVO DOS ALUNOS¹

Edemar da Silva²

Lucas Vanini³

RESUMO

Este artigo é o resultado de uma pesquisa realizada com alunos das Escolas Municipal de Ensino Fundamental Professor Arno Otto Kiehl e Estadual de Ensino Fundamental Anna Willig, ambas na periferia da cidade de Passo Fundo, Estado do Rio Grande do Sul, Brasil. Objetivamos com esse estudo investigar as causas do possível desinteresse das famílias desses estudantes, pela temática Educação Financeira. Além disso, intentamos saber um pouco mais de como os sujeitos da pesquisa veem e quanto entendem de sua própria economia, de seus próprios gastos e também o que pensam em relação a isso em seu futuro. Com os dados produzidos no estudo buscamos construir um panorama de como os professores de matemática podem colaborar para uma possível melhoria no contexto de formação de cidadãos críticos e conscientes de seus atos.

Palavras-chave: Educação Financeira. Economia. Matemática.

INTRODUÇÃO

Nos dias atuais, vivemos em crise: crise de valores, crise política e crise existencial. Essas crises podem estar ligadas ao avanço tecnológico, bem como aos lançamentos de carros novos e de novos modelos, ou de novos celulares, de novas roupas e novos modelos de equipamentos eletrônicos, por exemplo, que aparecem a todo o momento.

Entendemos que esse avanço do consumismo está presente em grande parte dos alunos da educação básica. No entanto percebemos que algumas escolas trabalham muito pouco o contexto da Educação Financeira. Para nós, cabe aos professores tomarem a iniciativa de abordar em suas práticas essa temática. Neste

¹ Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso Especialização em Linguagens e Tecnologias na Educação do Instituto Federal Sul-rio-grandense, Câmpus Passo Fundo, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Linguagens e Tecnologias, na cidade de Passo Fundo, em 2017.

² Licenciado em Matemática - UPF, Pós-Graduado em Física - UPF, Pós-Graduando em Linguagens e Tecnologias – IFSUL.

³ Professor do IFSUL- Doutor em Ensino de Ciências e Matemática pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), Canoas -RS.

contexto, cremos que o aluno tem o direito de durante o tempo que permanece em aula ou durante sua formação escolar se tornar um sujeito cada vez mais emancipado, um sujeito cada vez mais capaz de se defender e defender o certo, o justo. Assim, concordamos com Gadotti (2012, p.1) ao definir a palavra emancipar que

[...] vem de ex-manus ou de ex-mancipium. Ex (indica a ideia de "saída" ou de "retirada") e manus ("mão", simbolizando poder). Emancipar seria então "retirar a mão que agarra", "libertar, abrir mão de poderes", significa "pôr fora de tutela". Ex-manus (foramão), significa "pôr fora do alcance da mão". Emancipar-se é, então, dizer a quem nos oprime: "tire a sua mão de cima de mim!". Emancipar-se é, então, conquistar liberdade, autonomia, independência, não apenas política, mas também econômica. Não pode estar emancipado aquele que passa fome, que não tem um teto, que não tem o que vestir.

Assim acreditamos que esses fatores podem ser frutos de lutas que agora as escolas devem tomar como se fossem as únicas detentoras do poder transformador. Sabemos que a maioria dos nossos alunos advém de famílias desestruturadas e/ou que pouco conseguem agregar no que diz respeito a orientações de vida. Então, para consumir e não entrar em crise, temos que saber o que precisamos, saber o que queremos, nos certificarmos de que realmente podemos, se podemos devemos negociar, e para saber bem negociar precisamos buscar constantemente informações, precisamos ser perseverantes, insistentes, disciplinados e só então nos tornamos seres emancipados e tranquilos, certos de que vivemos de forma feliz ou sempre em busca da felicidade com realizações atingidas.

Sendo assim, temos como objetivo geral dessa pesquisa compreender através da investigação as causas do porquê do desinteresse das famílias dos estudantes do ensino fundamental dos oitavos e nonos anos da Escola Estadual Anna Willig e a da Escola Municipal Professor Arno Otto Kiehl, pela temática Educação Financeira. Para isso, buscamos identificar como as famílias e as escolas tratam esse assunto sob um viés de sustentabilidade de forma que os alunos possam compreender teoricamente e pôr em prática o conhecimento construído não só nas aulas de matemática, mas também numa perspectiva interdisciplinar e significativa de modo a ter mais segurança nas tomadas de decisões, proporcionando maior tranquilidade.

Para alcançarmos esses objetivos, buscamos respostas para a seguinte questão norteadora: **De que forma a educação financeira pode ajudar na**

qualidade de vida das pessoas? Nesse contexto, os dados produzidos pelos participantes da pesquisa serão os norteadores que direcionam respostas para nossa questão investigada.

Nesse viés, construímos este artigo de uma parte introdutória, referencial teórico, parte metodológica, apresentação e análise de dados, considerações finais e finalizando, as referências utilizadas. Dessa forma, na próxima seção apresentamos a fundamentação teórica que possivelmente sustentará os dados produzidos pelo nosso estudo.

REFERENCIAL TEÓRICO

A nosso ver, mesmo trabalhando com dinheiro e por dinheiro, apesar de usar dinheiro para quase tudo, para comprar, para vender, receber e pagar salário, a educação financeira nas escolas tem, de maneira geral, ficado em segundo plano e, quando é tratada na maioria das vezes, traz um enfoque voltado apenas para alguns cálculos de porcentagens, juros simples e juros compostos envolvendo dinheiro, tudo de forma passageira ou nem isso. Segundo Carbonari (2004), consumir significa sumir junto. Ora, seguindo essa definição, temos um problema. O consumo excessivo ou não, é sempre prejudicial, pois se sumimos com qualquer coisa é o mesmo que pegarmos algo ilegal e desaparecermos. Mas é quase isso, quanto mais compramos, mais nos afastamos de outras pessoas. Parece que isso nos realiza. Para os compradores compulsivos, os que compram, os que sentem prazer em comprar, compram e somem como se fosse fazer algo ilegal.

Nesse interim, concordamos com Carbonari (2004, p. 8) ao defender a ideia de que

[...] consumo contrasta com nossa noção comum. Acreditamos que consumir é sinônimo de acumular (coisa). Estranho, pois falamos em consumir como fazer as coisas desaparecer, em admitir que elas desaparecem e que outras podem emergir delas. Afinal consumir é satisfazer na insatisfação.

Assim, entendemos também, que essa temática deve fazer parte da formação do aluno da escola básica pois, esse comportamento escolar tem levado gerações a enfrentar problemas de ordem desagregadora como: dívidas, problemas

de saúde, abandono de sonhos e infelicidade. Nesse sentido, cremos na importância de debater na escola questões ligadas a educação financeira, como por exemplo:

Quanto custa levar a vida que você leva hoje? E quanto custa a vida que deseja ter? Conhecer o peso dos custos diários em seu orçamento é um dos primeiros passos para uma vida financeira organizada e conseqüentemente, para um futuro próspero. A educação financeira é uma etapa fundamental na formação de todos nós, mas nem sempre ganha o espaço que merece em nossas vidas. Assim muitos adquirem dívidas crescentes e desnecessárias, gastam mais do que podem e perdem controle das finanças, experimentando os efeitos dolorosos da conta no vermelho (NUCCIO e DANA, 2014, p.11).

De acordo com esses autores, a organização financeira é essencial para se ter sucesso na vida. Para nós, esse sucesso começa, ou pelo menos deveria começar cedo, ainda na escola. Na escola, a educação financeira deveria ser sempre um dos principais assuntos tratados não só na disciplina de Matemática, mas em todas as disciplinas, numa abordagem interdisciplinar, como, por exemplo, em História, como surgiram os bancos; em Geografia, falando do surgimento das moedas e quais são as principais moedas no mundo, e por aí vai; impacto ambiental, como fazer cálculos, consumismo excessivo, na Sociologia, qual o modelo ideal de sociedade que deveria existir. Enfim, entendemos que as escolas poderiam dar mais ênfase nesta área.

As atividades que envolvem consumo, sonhos, situações difíceis, investimentos, estratégias para melhoria de vida fazem parte da vida das pessoas, e a falta delas causam uma grande carência que precisa ser mudada, de forma urgente, porque vem nitidamente deixando lacunas na formação dos jovens e causando crises econômicas históricas. Nessa linha, concordamos com Versignassi (2015, p.24) quando afirma que existem “[...] vários jeitos de definir uma crise econômica: elas acontecem quando não conseguimos mais produzir tudo o que precisamos para manter nosso modo de vida”. Sendo assim, cada dia surgem muitas coisas atraentes para serem adquiridas ou compradas, algumas sem necessidade, apenas para o conforto, úteis ou nem tanto, as crises econômicas são causadas por nós mesmos que nos tornamos escravos de uma sociedade consumista. De acordo com a definição escrita por Versignassi (2015), crise é o que precisamos, então estamos confundindo o precisar com o querer.

Além disso, segundo Sacconi (2008), precisar é o mesmo de necessitar. E querer é o mesmo de sentir vontade ou desejo, logo a crise é uma situação, na maioria das vezes evitadas, porque está claro que só deveríamos comprar o necessário e a questão então, é saber o que é necessário e o que não é necessário para nossa vida, para nossa sobrevivência.

A nosso ver, entendemos que as vezes o que é necessário é o que queremos e outras vezes o que queremos é o necessário, como também pode não ser o necessário e aí está um grande problema, nós acabamos querendo, é a chamada escolha. Nossa vida é feita de escolhas, então devemos estar preparados para escolher certo, ou pelo menos o mais certo possível, porque como pessoas normais erramos e acertamos, mas se diminuirmos o máximo os erros a chance de ter uma vida mais tranquila com certeza, será bem maior.

Escolher o certo é escolher o necessário e se nossas finanças permitirem, podemos sim nos dar o luxo de comprar coisas a mais para nosso conforto, para nosso bem-estar, mas é importantíssimo também não confundir querer com poder. Segundo Sacconi (2008) poder é ter possibilidade, é ter capacidade ou força para sustentar, para aguentar, é ter domínio. Nós até queremos mais, mas devemos fazer uma análise criteriosa para ver se podemos, se temos possibilidade, se temos capacidade, se o nosso orçamento aguenta ou suporta as parcelas de dívidas assumidas, mas mesmo assim, comprar dessa forma é comprometedor, pois mesmo que as parcelas ficam sendo pagas em dia, estamos pagando altos juros. Aí volta a situação anterior, é necessário? É só porque queremos? Podemos?

Quando compramos alimentação, por exemplo, seja em mercados ou em restaurantes, quando compramos roupas ou calçados, quando vamos nos divertir (período de lazer), tudo isso necessário para se ter uma vida equilibrada, todos nós nos deparamos com negócios, fizemos negócios. A vida é feita de negócios, no trabalho, na profissão, tudo é um negócio. Negociamos o valor que recebemos, às vezes, nem negociamos, aceitamos a proposta futura como o salário que o patrão oferece, o que, em outras palavras, é negócio. Em sala de aula negociamos com nossos alunos, propomos o que se fazemos, como fazemos e quando fazemos. Parece tão automático que não nos damos conta que estamos fazendo negócios quase que o tempo todo e sem sequer ao menos discutir o que é negociar.

Dessa forma, para nós negociar é segundo Sacconi (2008), ajustar, acordar, conduzir, comerciar. Então, negociar é fazer acordos entre duas ou mais partes, é concluir acordos. As pessoas vivem em sociedade e, portanto, temos que viver negociando, viver fazendo acordos a todo momento, todo tipo de acordo, concluir esses acordos e concluir de uma maneira que fique bom para todos. O negócio bom deve ser aquele que é bom para todas as partes, aquele que é bom apenas para uma das partes não se sustenta, logo, a parte que não foi bem vai abrir falência, vai quebrar e, quebrando uma parte, a outra fica impossibilitada de fazer outros negócios com ela.

Acreditamos que temos que ser persistentes em nossos objetivos, nossos sonhos e não desistir logo que aparecer qualquer dificuldade. É comum que pessoas começam a guardar dinheiro para comprar algo ou fazer uma viagem e desistem logo. Nesse viés, na presente pesquisa tratamos da organização financeira como algo fundamental, pois fazer planilhas ou mesmo organizar o orçamento do modo antigo, isto é, com anotações em cadernos, também funciona, mas tem que fazer, não temos como fugir disso, temos que tirar um tempo e cada pessoa deve encontrar seu jeito certo necessário para não se perder nas contas.

Assim, visualizamos que de maneira geral, as pessoas se perdem e se atrapalham muito fácil com dinheiro, gastam mais do que têm e onde não devem gastar, compram o que não precisam, pagam juros sem mesmo calcular ou prever as consequências. Elas erram muito e esses erros causam danos presentes e futuros em suas vidas. Então, ter uma Educação Financeira nada mais é evitar esses problemas, é ter condições de se manter organizado prevendo seus ganhos e seus gastos, gerenciando seu orçamento pessoal, doméstico resolvendo problemas e ficando sempre no positivo, isto é, sem dívidas, pelo menos, se necessário tê-las, que sejam controladas.

Na próxima seção apresentamos aspectos metodológicos do artigo de forma que fique claro o nosso contexto da pesquisa.

CONTEXTO DE EXECUÇÃO DA PESQUISA

A pesquisa foi construída para os alunos dos oitavos e nonos anos de duas escolas. Escola Anna Willig e Escola Professor Arno Otto Kiehl. A escolha destas, foi

porque é o local de trabalho do primeiro autor desse artigo e é o local onde temos um bom conhecimento, não só nos educandários, mas também conhecemos como é a vida das pessoas, suas rotinas diárias e seus costumes. O primeiro autor desse artigo trabalha nesta cidade a mais de dez anos. É uma cidade do norte do Rio Grande do Sul, na qual é professor de Matemática a dezoito anos, quase o tempo todo dedicado ao trabalho com alunos dos oitavos e nonos anos do Ensino Fundamental, por isso a pesquisa com nesta faixa etária.

A escola estadual Anna Willig, está situada na Vila Operária, cidade de Passo Fundo, Estado Rio Grande do Sul, é uma escola onde estudam alunos filhos de pais com baixo poder aquisitivo e também baixa escolaridade. Possui atualmente 510 alunos entre o ensino fundamental (1^o ao 9^o ano) e no turno da noite, o EJA (educação de jovens e adultos). Esta escola possui 62 alunos entre oitavos e nonos anos.

A escola municipal Professor Arno Otto Kiehl, está situada no Bairro Primeiro Centenário, também na cidade de Passo Fundo, Estado Rio Grande do Sul, é uma escola onde estudam alunos filhos de pais, também com baixo poder aquisitivo e também baixa escolaridade. Possui atualmente 407 alunos no ensino fundamental (1^o ao 9^o ano), sendo que 66 alunos dos oitavos e nonos anos.

Somando todos os alunos dos oitavos e nonos anos das duas escolas chegamos ao número de 128 alunos. Todos eles receberam o questionário e, bem orientados, foram para suas casas afim de que respondessem juntos com seus pais ou responsáveis. Recebemos, dentro do prazo estipulado, sessenta e nove (69) questionário respondidos, número suficiente para nossas pretensões. A primeira escola foram respondidos 41 questionários e a segunda escola 37 questionários.

Considerando que as duas escolas são periféricas, mesmo uma sendo da rede estadual de ensino e a outra da rede municipal, as características que detectamos na pesquisa pouco diferem, pois, os níveis sociais, o número de alunos e até a quantidade de questionários respondidos são bem parecidos.

Acreditamos que nossa pesquisa teve um caráter quantitativo porque seguiu alguns moldes de caráter quantitativos, pois, podemos classificar dados produzidos na pesquisa conforme alguns atributos, com questões de múltipla escolha e que resultou em uma quantidade de números suficientemente capaz de serem transformados em tabelas e gráficos. Segundo Iracema e Dulce (2012, p.186) “[...]”

quantitativas são aquelas que indicam um número decorrente de uma contagem ou de uma medição”, que é o caso da pesquisa que realizamos e que nos deu resultados mais completos possibilitando assim, a apresentação e análise dos dados que veremos agora, conforme nosso planejamento.

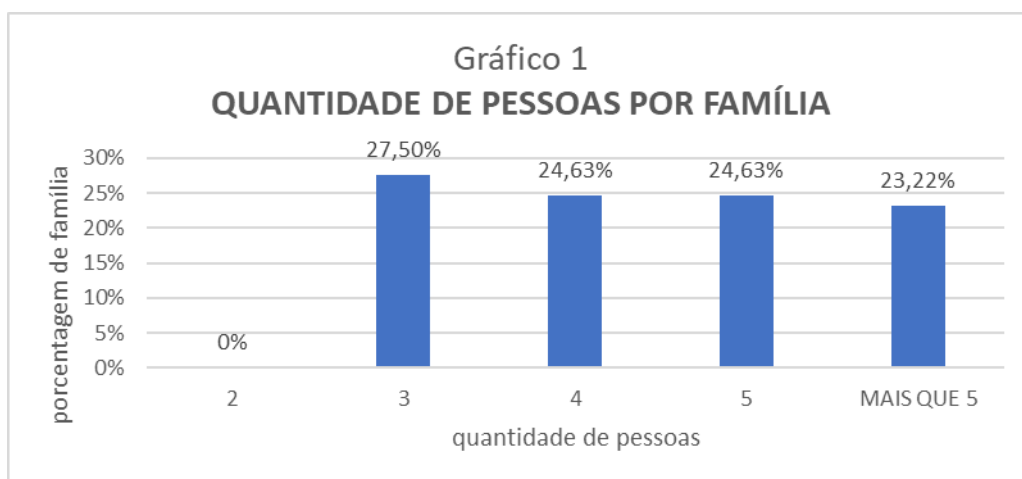
APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Identificamos inicialmente, ao visitar os dados produzidos pela pesquisa, que apenas 53,9% dos alunos e/ou famílias responderam. Ao questionarmos os motivos desse fato, encontramos que quase metade das famílias pouco se importa com os estudos de seus filhos, o que eles estão aprendendo ou deixando de aprender, seu comportamento nas escolas e foras delas, quem são seus amigos e se estão evoluindo ou não como pessoas. Acreditamos que como professores, devemos sempre avaliar nossos alunos de forma contínua e cumulativa e esse questionário respondido significa além de alguns pontinhos extra na média final de cada aluno, além de possibilitar algumas horas de união familiar, essencial para o desenvolvimento de indivíduos em formação, também possibilitaria uma profunda reflexão de como está andando as finanças, podendo, como percebemos em algumas casas, ser um marco de mudanças, de discussões a respeito deste tema que por vez nunca tinha sido pauta ou era algo sem nenhuma profundidade.

Além disso, ao interpretarmos os dados desse estudo concluímos que parte das famílias possuem problemas estruturais. Sendo que 85% dos estudantes que responderam, disseram morar com os seus pais. Dentro ainda, desse número, tem muitos adolescentes que moram apenas com a mãe ou apenas com o pai, já que ou os pais são separados, ou algum dos pais já é falecido ou até em alguns casos o pai ou a mãe o abandonou, tem também alguns filhos de mães solteiras. Mas, vamos apenas considerar esse número de que a cada 100 alunos, 15 não convivem com nenhum de seus pais, não possui orientação alguma sobre qualquer que seja o tema, principalmente no que diz respeito à vida financeira que neste momento se inicia ou que se acentua, já que o ideal seria orientar ou educar financeiramente uma criança. Certo também de que desses 15%, 5% convivem com avós e os outros 10% convivem com outras pessoas ou em abrigos. Acreditamos que alguns desses avós ou pessoas conseguem ou reúnem condições para, não substituir seus pais, mas

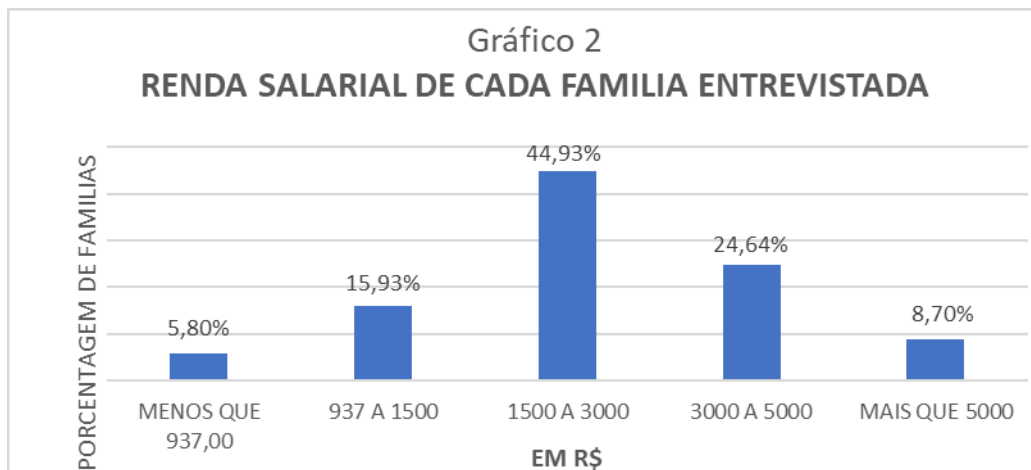
pelo menos amenizar a ausência com algumas orientações financeiras e orientações de vida que serão de suma importância para o seu futuro. Sabendo que entre as duas escolas são 917 alunos, podemos concluir que 15% desses, isto é, 138 indivíduos estão crescendo longe de seus pais, com pouca ou nenhuma orientação. Entendemos que esse número é ainda maior se considerarmos os 118 do EJA da primeira escola, pois a maioria deles advém de famílias mais desestruturadas ainda do que os alunos regulares.

Detectamos também o problema que em cada família convivem um número que julgamos excessivo de pessoas, muito pela questão de espaço físico das casas, conforme o Gráfico 1, já que a renda familiar é baixa.



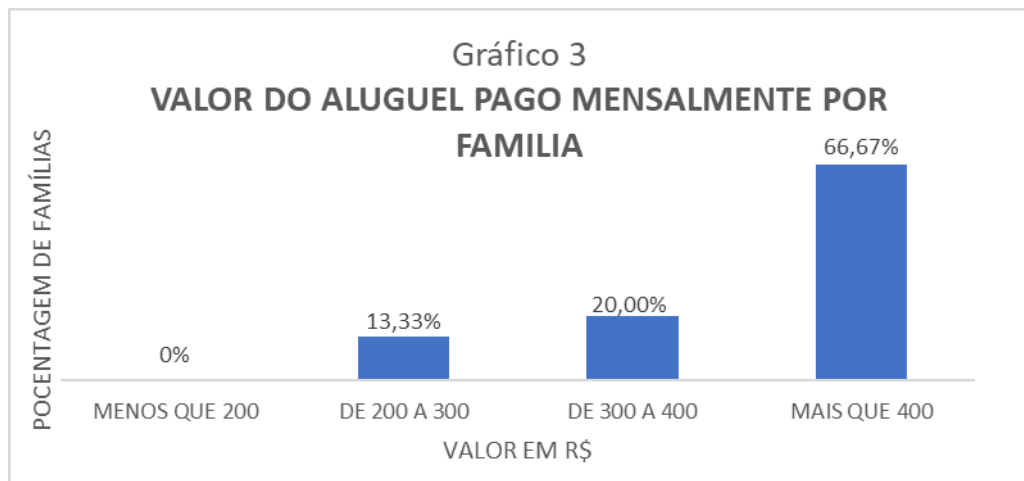
Fonte: dados produzidos pela pesquisa.

No Gráfico 2, apresentamos a renda salarial de cada família entrevistada, objetivando com isso relacionar esses dados com a nossa investigação a respeito de Educação Financeira X Qualidade de Vida.



Fonte: dados produzidos pela pesquisa.

Observando os gráficos 1 e 2 e de acordo com os dados da pesquisa, concluímos que a média de componentes familiar é de aproximadamente 5 por família e a média salarial per capita é de aproximadamente R\$ 630,00. Destes R\$ 630,00 que cada um componente desta pesquisa tem para sobreviver, inclui-se vestuário, alimentação, energia elétrica, água, telefone, que mesmo com pouca renda praticamente todos componentes familiares possui pelo menos um aparelho de celular. Inclui-se também momentos de lazer, material escolar, gastos com saúde, aliás sobre saúde, vimos nesta pesquisa que quase 87% das famílias não possuem plano de saúde algum, dependendo assim do plano SUS e de sua própria sorte além de seu bolso caso venham precisar, pois sabemos que o SUS deixa muito a desejar e é muito defasado também, e os 13% dos que possuem planos, os mesmos são oriundos das empresas onde trabalham. Outro gasto que nos chamou muita atenção é o gasto com aluguel, quase 30% das famílias moram em casas alugadas e o valor pago de aluguel está exposto no Gráfico 3.

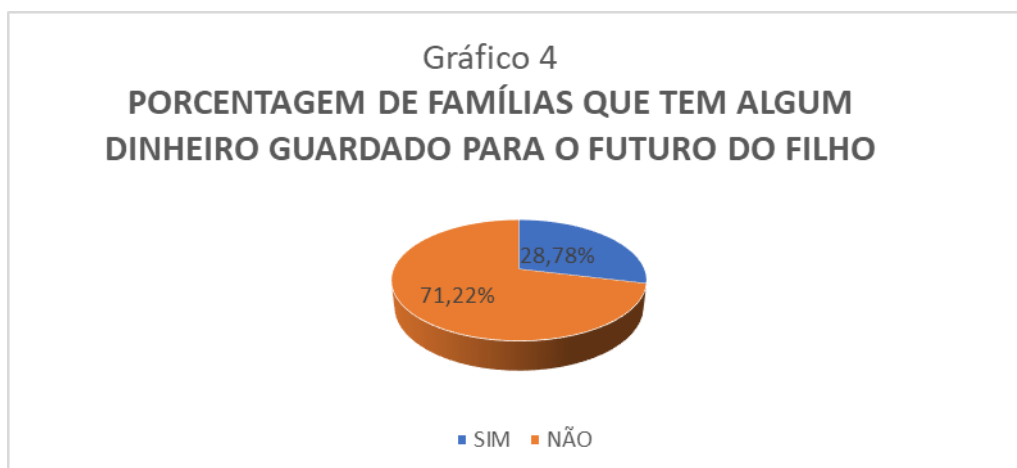


Fonte: dados produzidos pela pesquisa.

Com isso, entendemos que dos 67% que não pagam aluguel, apenas 7% possuem casas financiadas e o valor do financiamento está entre R\$200,00 a R\$500,00, com um prazo médio de quitação 20 a 25 anos, o que sugere que este financiamento é do programa do Governo Federal Minha Casa Minha Vida. Tem além desses, cerca de 3% que moram em casas cedidas por familiares ou amigos.

Sobre carros, apenas 21,54% disseram não ter, e 78,46% possuem pelo menos um, sendo que 15,38% dos entrevistados possuem mais que um carro. Ainda sobre carros, 31,37% dos que o possuem afirmaram tê-lo financiado e a mensalidade, em média, é de aproximadamente R\$400,00 com um tempo médio financiado de 36 meses. Nesta pesquisa verificamos que, dos entrevistados, 28,88% possuem moto e os que não a possuem 17,65 % sonham em ter uma. Desses que possuem, 87,5% disseram que a mesma esta financiada e o valor do financiamento é em média, aproximadamente R\$ 337,50 por mês, em um prazo médio de 30 meses.

Quando falamos em investimentos, o Gráfico 4 traz dados que indicam que são poucas famílias, menos de um terço, que pensam no futuro de seus filhos. E este valor investido ou guardado é para 68,42% dos que investem, menor que R\$100,00 por mês. E quando falamos em algum dinheiro guardado para o futuro da família, responderam não, e para alguma eventual emergência, 26,15% disseram sim.



Fonte: dados produzidos pela pesquisa.

Isso, a nosso ver pode ser um indicio de que quando perguntado sobre quem, em algum momento se reúne para planejar, nem que seja uma vez por mês, 42,85% disseram sim, 57,15% disseram não e desses destacamos 9,53% disseram que isto é perda de tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa pesquisa buscamos de modo geral investigar causas do desinteresse das famílias dos estudantes do ensino fundamental dos oitavos e nonos anos das escolas Ana Willig e Prof. Arno Otto Kiehl. Para isso, procuramos respostas para a questão: De que forma a educação financeira pode ajudar na qualidade de vida das pessoas? Após produzidos os dados olhamos todos os que surgiram no decorrer do estudo, e com isso analisamos os mesmos com um viés em nosso referencial teórico para lançarmos algumas considerações.

Dentre essas considerações, concluímos que são poucas famílias que pensam no seu futuro e no futuro dos seus filhos, também que são poucas emancipadas economicamente, porque com todo esse comprometimento de seu orçamento, o dinheiro recebido mensalmente acaba rápido demais. Cremos que a renda dessas famílias é quase sempre nula pois o seu dinheiro apenas passa em suas mãos, talvez recebam em sua empresa que trabalham e correm imediatamente para pagar suas contas, sendo que alguns só conseguem pôr a mão nas cédulas de dinheiro, como se estas fossem sagradas e que suas realizações seriam apenas em

senti-las, em toca-las. Isso vem ao encontro do que afirma Carbonari (2004), ou seja, definiu consumir em sumir junto, as pessoas consomem o dinheiro pagando suas despesas obrigatórias depois consomem as mercadorias de forma, diríamos, meio que inconscientemente, irresponsável, por não ser emancipadas, segundo Gadotti (2012) por não ter liberdade, não ter autonomia e nem independência. Concluimos também que algumas famílias conseguem honrar com todas as suas despesas mantendo carros e motos. Com todo esse comprometimento acreditamos que as famílias que não sentam para planejar tem um motivo simples e óbvio: planejar o que se não resta nada? Os que conseguem investir ou sobrar para o futuro de seus filhos é apenas um valor irrisório pois com menos de R\$ 100,00, por mês não garante praticamente nada para o futuro, mas claro, é melhor do que nada.

Enfim, precisamos, de maneira urgente, fazer com que nossos alunos cresçam com uma melhora considerável em sua vida, que possam crescer mais confiante, com um espírito vencedor, e até empreendedor, que possam crescer como pessoas, possam ter autonomia crítica e isto tudo passa por uma boa Educação Financeira. Além disso, este estudo desencadeou a necessidade de continuarmos pesquisando sobre assuntos relacionados a esse tema, ou seja, com essa pesquisa surgirão certamente outras pesquisas que futuramente pretendemos publicar e que serão de extrema importância não só para nossos alunos, mas para nós professores também, para que possamos evoluir sempre mais.

ABSTRACT

This article is the result of a research carried out with students of the Municipal School of Elementary Education Professor Arno Otto Kiehl State Primary School Anna Willig, both in the outskirts of the city of Passo Fundo, state of Rio Grande do Sul, Brazil. We aim with this study to investigate the causes of possible disinterest of the families of these students, through the theme Financial Education. In addition, we try to find out more about how the research subjects see and how much they understand about their own economy, their own spending, and what they think about it in their future. With the data produced in the study we seek to construct a panorama of how mathematics teachers can collaborate for a possible improvement in the context of the formation of critical and conscious citizens of their acts.

Key words: Financial Education. Economy. Mathematics.

REFERÊNCIAS UTILIZADAS

CARBONARI, Paulo Cesar. In PAULI, Jandir; DA ROSA, Enéias. **Consumo Crítico, Solidário e coletivo**. Passo Fundo: Passografic. 2004.

DE NUCIO, Doni; DANA, Samy. **Seu Bolso**. 1 ed, Rio de Janeiro: Casa da Palavra. 2014.

DE NUCIO, Doni; DANA, Samy. **Sua Carreira**. 1 ed, Rio de Janeiro: Casa da Palavra. 2014.

GADOTTI, Moacir; **II Fórum Mundial de Educação Profissional e Tecnológica; Democratização, emancipação e sustentabilidade**; Florianópolis, 28 de maio a 1 de junho de 2012.

MORI, Iracema; ONAGA, Dulce Satiko. **Matemática Ideias e Desafios**. 17^a ed. São Paulo: Saraiva. 2012.

SACCONI, Luiz Antônio. Minidicionário da língua portuguesa. 1 ed. São Paulo: Escala Educacional. 2008.

VERSIGNASSI, Alexandre. **Crash**. 2 ed. São Paulo: LeYa. 2015.